



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO PEDAGOGIA

JUVENILIZAÇÃO DA EJA:
Vivências e percepções no Estágio Supervisionado em
Educação de Jovens e Adultos

Diego Magno do Nascimento Oliveira

DIEGO MAGNO DO NASCIMENTO OLIVEIRA.

**JUVENILIZAÇÃO DA EJA; VIVÊNCIAS E
PERCEPÇÕES NO ESTAGIO
SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS.**

Monografia apresentada à Universidade Federal do Ceará/UFC como exigência parcial para conclusão do curso e obtenção do diploma de Pedagogo (a), sob a orientação do: Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos.

FORTALEZA

2019

DIEGO MAGNO DO NASCIMENTO OLIVEIRA.

**JUVENILIZAÇÃO DA EJA; VIVÊNCIAS E
PERCEPÇÕES NO ESTAGIO SUPERVISIONADO
EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.**

Monografia apresentada à Universidade
Federal do Ceará - UFC como pré-
requisito para a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: ___/___/___.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos (Orientador)

Universidade Federal do Ceará – UFC

Ms. Danielle Rodrigues Oliveira.

Mestra em Educação – UFC

Ms. Camila Saraiva de Matos.

Mestra em Educação – UFC

AGRADECIMENTOS.

Agradeço primeiramente à Deus por ter me dado força e determinação para vencer todos os obstáculos em meu caminho.

Aos meus pais Jackson e Dulceneia que sempre estiveram comigo diante dos meus desafios e sempre foram para mim, exemplos de: força, fé e perseverança, sempre me deixando ciente da importância da educação para minha vida.

À minha esposa Laenia, agradeço por ter compreendido e apoiado em minha trajetória, por todo carinho, amor e paciência que teve comigo nesse período tão importante em minha vida.

Aos meus familiares que sempre torceram por mim e pelo sucesso em minha formação, em especial minha avó Irinéia, que através de suas palavras de fé sempre me incentivou a nunca desistir dos meus objetivos.

Ao Prof. José Gerardo Vasconcelos, por aceitar ser meu orientador, me passando segurança e tranquilidade. Agradeço também pela atenção e incentivo durante a caminhada para a realização do presente trabalho.

SUMÁRIO.

1. INTRODUÇÃO.	8
2. SOBRE O FRACASSO ESCOLAR.	10
3. O ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.	17
3.1 <i>A instituição visitada.</i>	18
3.2 <i>Sobre os professores.</i>	21
3.3 <i>Sobre os estudantes da EJA.</i>	22
3.4 <i>Observações da sala de aula.</i>	23
3.5 <i>Reflexões teóricas sobre letramento e alfabetização.</i>	26
4. PERCEPÇÕES SOBRE A DOCÊNCIA.	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.	37
6. REFERÊNCIAS.	42

RESUMO.

Este trabalho é fruto de uma proposta que visa tratar o fenômeno da juvenilização EJA a partir da disciplina de Estágio do Ensino Fundamental I, a escolha do tema justifica-se nas observações feitas durante a disciplina de estágio em ensino fundamental realizada com uma turma de EJA I na escola Professor José Valdivino de Carvalho situada na cidade de Fortaleza, no estado do Ceará, onde ao iniciarmos as visitas de estágio começamos a perceber a grande quantidade de alunos jovens que frequentavam o turno da noite, e tem como objetivo geral analisar através do olhar da docência o fenômeno da juvenilização da EJA, mas especificamente como ele influencia os processos de ensino/aprendizagem, e o trabalho docente em sala de aula. A metodologia se baseia em um estudo de caso, com entrevista semiestruturada e diário de campo onde foram registradas observações e dados coletados na pesquisa que teve como local de investigação a escola Prof. José Valdivino de Carvalho, em Fortaleza-Ce. Os resultados apontam que alunos, professores e gestores entendem a necessidade de novas práticas docentes que possibilitem o melhor atendimento dos novos perfis de turmas que estão se formando no ensino noturno, e que a grande quantidade de alunos jovens traz com si imensos desafios que precisam ser enfrentados com um programa escolar diferenciado que vise contemplar as especificidades desse público jovem que muitas vezes traz em seu histórico escolar, evasão, indisciplinas, e repetências.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio, EJA, Juvenilização.

ABSTRACT

This work is the result of a proposal that aims to address the phenomenon of juvenile EJA from the discipline of Elementary School Internship I, the choice of the theme is justified in the observations made during the internship discipline conducted with an EJA class. I at Professor José Valdivino de Carvalho School located in the city of Fortaleza, Ceará state, where when we started the internship visits we began to realize the large number of young students who attended the night shift, and its general objective is to analyze through the Teaching look at the phenomenon of juvenile YES, but specifically how it influences the teaching / learning processes, and the teaching work in the classroom. The methodology is based on a case study, with semi-structured interview and field diary where observations and data collected in the research that had as research place the school Prof. José Valdivino de Carvalho, in Fortaleza-Ce. The results indicate that students, teachers and managers understand the need for new teaching practices that enable better attendance of the new profiles of classes that are graduating in the night teaching, and that the large number of young students brings with them immense challenges that need to be addressed. faced with a differentiated school program that aims to contemplate the specificities of this young public that often brings in their school history, dropout, indisciplines, and repetitions.

KEYWORDS: Internship, EJA, Juvenilization.

1. INTRODUÇÃO.

O presente trabalho pretende abordar a juvenilização da EJA, como fator preponderante ao desenvolvimento da modalidade. Durante o período em que fui aluno na disciplina de estagio em educação de jovens e adultos, atuei em uma turma de EJA I, e observei o grande número de alunos jovens e adolescentes que frequentavam o ensino noturno. Este fato aguçou minha curiosidade, e ao me debruçar sobre este tema pude entender que realmente se trata de um fenômeno histórico com raízes nas varias tentativas de se conceber uma forma de educação que incluísse o publico já excluído da escola, que não tiveram acesso a educação na idade certa ou não tiveram a oportunidade de permanecer na escola.

A delimitação do tema em questão nos traz a necessidade de evidenciar como o fenômeno da EJA jovem está influenciando os processos de ensino/aprendizagem nas salas de aula, mais especificamente a pratica docente e a aprendizagem tanto dos alunos jovens quanto dos adultos que frequentam a modalidade.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) trata da educação de jovens e adultos no Título V, capítulo II como modalidade da educação básica, superando sua dimensão de ensino supletivo, regulamentando sua oferta a todos aqueles que não tiveram acesso ou não concluíram o ensino fundamental.

Artigo 37. A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Parágrafo 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

Parágrafo 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.

Artigo 38. Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

Parágrafo 1º Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - no nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II –no nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos.

Parágrafo 2º Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

Ao reduzir a idade mínima para o acesso a essa forma de certificação, de 18 anos para 15, no Ensino Fundamental, e de 21 para 18, no Ensino Médio. A alteração da idade mínima para ingresso na EJA tanto nos cursos, quanto na inscrição para os exames supletivos, dá vazão, culmina em um crescente deslocamento de alunos matriculados no ensino fundamental para esta modalidade, são alunos com uma trajetória escolar conturbada, com histórico de violência, indisciplina, e déficit de aprendizagem, que são enviados a uma modalidade de ensino que por muitos anos estava configurada para atender um público adulto, trabalhador que não concluíram os estudos na idade certa. Estes adolescentes chegam muitas vezes desmotivados por suas trajetórias e desiludidos com a escola, necessitam de atenção especial que grande parte das vezes lhes é negada.

O percurso metodológico proposto para a abordagem do tema Juvenilização da EJA se baseia em um estudo de caso, com uso de entrevistas com alunos, professores e gestores além de observações feitas em sala de aula e na instituição visitada como um todo, para o registro das informações coletadas foi utilizado um diário de campo, a pesquisa teve como local de investigação a escola Prof. José Valdivino de Carvalho, em Fortaleza – Ce.

O estudo deverá se fundamentar numa perspectiva crítica de educação, concebendo-a como fenômeno histórico e social, situada num contexto de relações complexas, dinâmicas e interativas, determinantes da formação humana.

No capítulo 2 trataremos o tema “fracasso escolar” como um possível agente causador da migração de jovens do ensino regular para as turmas de EJA, através de uma explanação de fatores que levam ao desenvolvimento desse fenômeno cada vez mais presente nas escolas, e que acarreta em uma distorção da real função da EJA, pois o segmento passa a ser enxergado pelo o jovens como ultima oportunidade de terminar seus estudos.

No capítulo 3 faremos uma breve apresentação da instituição visitada, apresentaremos, alguns dados relacionados a escola bem como: identificação da escola(nome, endereço, e pouco de sua historia), Instalações físicas, Equipamentos e

recursos didáticos existentes, Clientela atendida na EJA, os serviços administrativos e pedagógicos existentes, índices de reprovações e de evasão escolar na EJA, e quais os níveis que mais reprovam, e os vínculos da escola com a comunidade.

O capítulo 4 traz as percepções da docência com os relatos sobre o período de regências em sala de aula, as atividades propostas, reação dos alunos às aulas, expectativas e impressões sobre o estágio bem como as avaliações das atividades.

No capítulo 5 faremos as considerações finais apresentando uma síntese do que foi vivenciado durante o período em que estive inserido em sala de aula, bem como os conhecimentos construídos através das experiências e observações feitas durante o período da disciplina de estágio.

Desta forma, acredito que esta pesquisa venha a contribuir para o entendimento do fenômeno da “juvelização da EJA”, bem como possa contribuir para o êxito da prática pedagógica diante das singularidades encontradas nas salas de EJA, e no sucesso escolar desses alunos que buscam exercer seu direito à educação.

2. SOBRE O FRACASSO ESCOLAR.

A princípio do termo “fracasso escolar” pode gerar estranhamento, pois traz em si uma ideia de generalização do que deu errado. Deixando uma carga negativa tanto no aluno quanto para a instituição, e é justamente esta ideia de que não houve nenhum progresso em relação ao aluno, seja no âmbito de seus conhecimentos ou de seu desenvolvimento pessoal ou social, que acaba desenvolvendo neste aluno um processo de perda de autoestima e de confiança em si mesmo e na escola, atingindo diretamente suas expectativas de futuro.

Historicamente a proposta pedagógica que sempre serviu de base para a educação foi de articulação entre teoria e prática. Esse modelo é influenciado pelos modos de produção humana. O trabalho como criação, expressão do que o homem já é, o que ele já alcançou, e o que ele pode vir a ser. A teoria como dimensão mental, intelectual e a dimensão prática, manual.

Jimenez (2001) apresenta essa relação conforme Gramsci e Marx. No pensamento gramsciano, a emancipação do homem está relacionada à sua capacidade de assumir a função dirigente no processo de produção e da vida social. Já a visão

marxista coloca a educação no sentido de “elevar a operária acima das outras classes” e a escola funda-se na divisão entre o intelectual e o manual, porque se funda na divisão entre proprietários e não proprietários.

Com o crescente processo de industrialização e a necessidade de generalização escolar, o desafio é: como oferecer educação formal escolar aos trabalhadores e continuar mantendo dominação sobre estes? Para manter esse modelo a escola sempre foi dualista, destinando a formação intelectual (teoria) para a elite e as tarefas manuais (a prática) para o povo.

É preciso ter presente que a reunificação teoria-prática jamais se efetivará enquanto formação para as necessidades do mercado, ideal sempre vivo da burguesia, mas, ao contrario, devolverá ao trabalho seu caráter emancipador, por excelência, sua condição de ato prático de criação e produção, dirigindo para a consecução de fins postos consciente e livremente por seus autores. (JIMENEZ, 2001, P 78)

Colocando em destaque a teoria marxiana de unir teoria e prática, qual ele acreditava que pudesse elevar as classes operárias acima das classes superiores burguesas, não significava a defesa de uma instrução profissionalizante destinada à formação de mão de obra ligada a funções subalternas, a educação proposta por ele na verdade nasce na união indissolúvel da formação manual e intelectual. A educação por Marx esta baseada no entendimento da realidade humana enquanto constituída pelo trabalho, o qual, invariavelmente, envolve a união da dimensão mental, intelectual e das dimensões pratica, manual.

Gramsci, basicamente incide sobre a mesma forma; a defesa de uma educação que se denominou, escola única, ou unitária que se realizasse como um resumo da pratica produtiva e do trabalho intelectual, a teoria e a pratica, ao mesmo tempo Gramsci colocou no centro de sua concepção educacional o trabalho moderno e se colocou igualmente longe de subordinar o ensino à produção. O individuo nesse caso teria a função de dirigente da sociedade o qual ele iria se tornar com curso de sua educação que ara Gramsci não deveria de forma alguma ter cunho imediatista e utilitário pois, esta forma de educação comprometeria a o futuro da criança como se de liberdade, condicionando sua inteligência e sua consciência em forma a esquemas predeterminados.

Apesar das semelhanças entre Marx e Gramsci, podemos notar uma diferença entre as intenções de cada um deles, pois para Marx a educação tinha o sentido de elevar a classe operária acima das outras classes, enquanto para Gramsci, a educação tinha por fim um cenário socioeducativo, que se plantando no solo do trabalho industrial moderno apontasse para um horizonte educativo visando capacitar o trabalhador para assumir a função de dirigente do seu processo de produção e da sua vida social. Assim a escola foi se fundando a partir da divisão entre proprietários e não-proprietários, desta forma a escola como tal surge, precisamente quando a humanidade através de muitos séculos e mediações institui a propriedade privada, constituindo-se posteriormente uma minoria que uma vez proprietária não mais precisava trabalhar.

Com o tempo, a necessidade de generalização da educação escolar surgiu com o advento da industrialização que impôs a sociedade de classes, um grande desafio: oferecer educação formal, escolar aos trabalhadores, que demandavam maior instrução para a produção e, ao mesmo tempo, têm lançado mão das maiores manobras para instruir trabalhadores sem educá-los para governar; sem capacitá-los para assumir a função de dirigentes e sem habilitá-los para pensar e falar bem.

Segundo Inep através do censo escolar de 2018, o número de matriculados da educação de jovens e adultos (EJA) diminuiu 1,5% no último ano, chegando a 3,5 milhões em 2018.

Número de matrículas da educação de jovens e adultos, segundo ano.	Ano	Dependência administrativa.					
		Total.	Publica.	Federal.	Estadual.	Municipal.	Privada.
2014	3.653.530	3.446.332	12.998	1.863.355	1.569.979	207.198	
2015	3.491.869	3.236.872	11.892	1.761.943	1.463.037	254.997	
2016	3.482.174	3.273.439	11.813	1.917.220	1.344.406	208.735	
2017	3.598.716	3.380.008	12.611	1.970.961	1.396.436	218.708	
2018	3.545.988	3.324.356	13.023	1.956.621	1.354.712	221.632	

FONTE: portal.inep.gov.br

Veremos que existem varias razões que levam a essa alteração nas salas de educação de jovens e adultos. São motivos muitas vezes que ultrapassam os muros da escola, e outros que tem a ver diretamente com a escola em si e a qualidade da educação envolvendo assim, diretamente o Ministério da Educação (MEC), Secretarias Municipais e Estaduais, gestores e, é claro, os professores que lecionam na modalidade.

Segundo Cordié (1996, p. 20) O fracasso, opondo-se ao sucesso, implica um julgamento de valor, ora, esse valor é função de um ideal. Um sujeito se constrói perseguindo ideais que se apresentam a ele no decorrer de sua existência. Ele é assim o produto de suas identificações sucessivas, que formam a trama de seu elo. Esses ideais são, essencialmente, aqueles de seu meio sociocultural e de sua família, ela mesma marcada pelos valores da sociedade a qual pertence. Ora, esses ideais variam de uma cultura a outra, o que é valorizado em certo meio pode ser depreciado em outro.

Cordié (1996) afirma que num contexto atual o fracasso escolar se tornou sinônimo de fracasso de vida. Assim, nunca há uma única causa para o fracasso escolar, há sempre a conjunção de várias causas que, agindo uma sobre as outras, interferem na vida do aluno. Por isso, existem diferentes explicações para as causas do fracasso escolar.

Segundo Charlot, 2002 entre as razões mais subjetivas que levam todos os anos muitos jovens a deixarem as salas de educação básica regular temporariamente ou desistam definitivamente dos estudos podemos apontar questões como:

- **A vulnerabilidade:** estudantes enfrentam condições de pobreza extrema, uso de drogas, exploração juvenil, e exposição à violência. Essa instabilidade em suas vidas não permite que eles tenham como prioridade sua educação, então motivados por essa falta de estrutura os jovens abandonam a escola diversas vezes e quando retornam um tempo depois o resta e a EJA.
- **O trabalho:** muitos jovens tem o dever de compor a renda familiar e isso faz com que esses alunos deixem o ensino regular antes de concluí-lo, e a dificuldade de conciliar os estudos com o trabalho faz com que mudar para as turmas da EJA, sobretudo no período noturno, seja a única opção.

- **Gravidez precoce:** A chegada do primeiro filho ainda na adolescência afasta muitos da sala de aula, principalmente as meninas, que param de estudar para cuidar dos bebês e, quando conseguem, retornam à escola tempos depois, para a EJA. Assim, não estudam com colegas bem mais novos e concluem o curso em um tempo menor.
- **Violência escolar:** Muitos pensam a violência escolar como um fenômeno novo, que teria surgido de forma mais acentuada por volta dos anos 80 e teria se desenvolvido nos anos 90. Na verdade historicamente a questão da violência nas escolas não é tão nova, nos anos 50 e 60 as relações entre alunos eram frequentemente bastante grosseiras nos estabelecimentos de ensino profissional. O que na verdade estamos vivenciando hoje seria uma mudança na forma de violência que atinge as escolas, estupros, agressões com armas, tráfico de drogas, são situações de violência gravíssimas, mas, que hoje são mais tão raras em escolas que ficam em comunidades mais carentes. Isto nos dá a impressão que não há mais limites de onde podemos chegar nessa situação pois, tudo pode acontecer na escola, para Charlot, isto pode contribuir para produzir o que se pode chamar de uma angústia social face a violência na escola.
- **Decisão do gestor:** Trata-se da atitude irresponsável de empurrar casos considerados problemáticos para as turmas de EJA. Dessa forma, os diretores buscam se livrar da indisciplina e evitar que os resultados da escola nas avaliações externas piorem, o que impacta o cálculo do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Um verdadeiro processo de higienização do Ensino Fundamental, que reconhece as turmas de EJA como algo menor e sem importância. Para superar o problema, é preciso investir em formação e conscientização dos gestores.

Durante o período em que estava inserido no dia-a-dia da escola onde foi realizada a presente pesquisa, pude observar e confirmar o que diz o autor. A realidade da trajetória escolar desses alunos vem de um histórico conturbado de constantes repetências, abandono escolar seja pelo trabalho, pela violência ou nos casos das meninas por uma gravidez precoce. No entanto creio que os jovens que retornam a escola tem a consciência da importância da educação em sua vida, e o real interesse de dar continuidade aos seus estudos mesmo diante de todas as suas dificuldades de acesso e permanência na escola. Acredito assim que é com este interesse que nos professores e todo o corpo gestor deve trabalhar, buscando contemplar o interesse desses alunos,

através de uma abordagem didática que complete a realidade vivenciada por esses estudantes que necessitam encontrar na escola e no ensino algo que lhes seja significativo, que lhes proporcione o sucesso escolar.

Um ponto importante que foi observado nesse estágio foi o olhar para evasão escolar. A evasão é um grande problema que a modalidade (EJA) enfrenta dentro das escolas.

Segundo relatado por alguns membros do corpo docente da escola, a maior parte dos estudantes alega cansaço físico, pois além de trabalhar o dia inteiro, ainda tem que estudar pela noite, por isso falta às aulas e às vezes desmotivam e evadem da escola. Muitos estudantes do sexo feminino, abandonam a escola pelo motivo de que os maridos não aceitam que estude, afirmando que está indo a escola em busca de namorados.

Ainda em relação a evasão e as dificuldades de permanência deste público na escola AQUINO (1997), aponta que este abandono se dá muitas vezes pelos mesmos motivos que levam muitas jovens a recorrer a EJA como uma última tentativa de concluir seus estudos, que é a não aprendizagem, e segundo o autor isto está diretamente ligado as metodologias que o professor desenvolve a formação destes professores e principalmente a inexistência de uma política educacional delimitando com clareza o fazer o fazer pedagógico nas classes de jovens e adultos, fatores institucionais baseados na escola, tal como métodos de ensino inapropriados, currículo e políticas públicas para a educação.

Charlot também aponta quatro pontos que fazem crescer essa angústia social. Ihe são dirigidos já não são tão raros, em segundo lugar os jovens envolvidos nos atos de violência são cada vez mais jovens. Os alunos de 8 a 13 anos acabam se revelando violentos até mesmo frente aos adultos, relatos de professores do ensino infantil revelam novos fenômenos de violência em criança de quatro anos, nesse caso é a representação da infância como inocência que é atingida aqui, e o que se transforma na grande incógnita dessa situação é como será o comportamento dessas crianças quando se tornarem adolescentes, isso faz crescer ainda mais a angústia social face à violência escolar.

Em terceiro lugar podemos destacar o aumento do número de invasões até mesmo nas próprias salas de aula de bandas de jovens que vêm acertar, na escola,

contas das disputas nascidas nos bairros, são casos de um pai, uma mãe, de um irmão, de um amigo, que vem vingar “uma injustiça” sofrida por um aluno, da parte de um membro da escola, dessa forma nasce mais uma fonte de angustia social: a escola não se apresenta mais como um lugar protegido, ate mesmo sagrado, mas como um espaço aberto as agressões vindas de fora.

Em quarto lugar os membros das escolas em bairros problemáticos, são as vezes objetos de atos repetidos, mínimos, que em si não são atos violentos mas acumulados causam um estado de stress, devido ao clima permanente de ameaça.

Para Chorlot “a angustia social acarretada por esses fenômenos aumenta tanto mais, quanto incidentes violentos graves, até mesmo muito graves, podem acontecer em estabelecimentos escolares que pareciam dever escapar a eles”, essa violência escolar parece aumentar, apesar dos planos e medidas postos em pratica a décadas, tudo se passa como se a violência nas escolas estivesse convertendo-se em um fenômeno estrutural e não mais e não mais accidental. Charlot diz que:

“Tal situação de angustia leva a discursos sociomidiáticos que tem a tendência de amalgamar fenômenos de natureza muito diferente. Também são obrigados a elaborar, em seus trabalhos, distinções conceituais que permita introduzir uma certa ordem na categorização dos fenômenos considerados como violência na escola”.

Além dos motivos já citados acima entendemos que outros motivos também estão levando os jovens a frequentar as salas de EJA, e os demais motivos tem a ver justamente com a má qualidade dos sistemas de ensino e suas consequências.

O fracasso escolar no âmbito da educação regular sempre foi e continua ate hoje sendo um grande desafio para a escola, com isso, o que vemos é o fenômeno do crescente numero de jovens entrando nas turmas de EJA por todo o país. São jovens muitas vezes vistos como alunos-problema que não tiveram êxito no ensino regular e buscam superar suas dificuldades. Alunos que muitas vezes mantém uma relação de tensão e conflito com a escola, relação essa muitas vezes proveniente de experiências anteriores, colocando um enorme desafio para os educadores que precisam lidar com um universo muito diferente de planos etários, culturais e de expectativas em relação a escola.

Para Haddad e Di Pierro;

“Os programas de educação escolar de jovens e adultos, que originalmente se estruturaram para democratizar oportunidades formativas a adultos trabalhadores, vêm perdendo sua identidade, na medida em que passam a cumprir funções de aceleração de estudos de jovens com defasagem sériedade e regularização do fluxo escolar”.

Ainda não sabemos ate que ponto esse remanejamento demasiado de alunos da educação regular para as salas de EJA, pode ser bom ou ruim para o desenvolvimento desses alunos, o que sabemos é que é imprescindível que a EJA cumpra sua função de proporcionar uma educação de qualidade e que contemple as especificidades de seu publico, e que não cumpra somente uma função de aceleração para os alunos fora da idade escolar, apesar de tudo esse fenômeno continua crescendo, e a cada ano, mais alunos jovens continuam ingressando nas salas de EJA por todo Brasil.

Sem duvidas um dos maiores desafios da escola hoje é considerar a diversidade, respeitar o aluno na sua singularidade, sua história de vida e seu contexto, pois existe uma grande complexidade envolvida aos fatores que levam ao “fracasso escolar”, e conseqüentemente compreender a multiplicidade dos fatores que levam a este fenômeno é suma importância para que se possa entende-lo.

3. O ESTÁGIO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

Neste capitulo faremos uma apresentação da escola Professor José Valdivino de Carvalho onde estaremos cumprindo estagio na modalidade de Educação de Jovens e adultos (EJA). Apresentaremos, alguns dados relacionados a escola bem como: identificação da escola(nome, endereço, e pouco de sua historia), Instalações físicas, Equipamentos e recursos didáticos existentes, Clientela atendida na EJA, os serviço administrativos e pedagógicos existentes, índices de reprovações e de evasão escolar na EJA, e quais os níveis que mais reprovam, e os vínculos da escola com a comunidade.

Através de entrevistas com alunos e membros da equipe de gestão e corpo docente buscaremos esclarecer informações sobre os estudantes da EJA, como: o numero de alunos matriculados por turma, percentual de gênero e idade, suas profissões, necessidades especiais, suas expectativas em relação a EJA e seus projetos de vida.

Desta forma esperamos traças um perfil do aluno de EJA I da escola Jose Valdivino de Carvalho.

3.1 A instituição visitada

A referida escola está situada em um bairro bastante movimentado de Fortaleza, sediada à Rua Guará, S/N, Itaoca. Nas imediações da instituição compreende basicamente de ruas residenciais e muitos comércios, terminal de ônibus e shopping.

A população atendida por esta unidade de ensino abrange as idades de 04 (quatro) anos na Educação Infantil a 76 (setenta e seis) anos na Educação de Jovens e Adultos – EJA. A comunidade do entorno e pais são, em sua maioria, economicamente ativos e exercem as atividades, em grande parte, de domésticas, comerciários e autônomos.

Inaugurado em 02 de julho de 1992, sendo o primeiro de uma série de vinte e três CMES- Centro Municipal de Educação e Saúde. Em julho de 2013, havendo seleção de novos diretores, a senhora Irla Regina Medeiros Freitas assumiu a gestão da instituição, que passou a partir de então, por determinação da Secretaria Municipal de Educação a chamar-se Escola Municipal Professor José Valdivino de Carvalho.

A Escola é mantida pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, está subordinada administrativamente à Secretaria Municipal de Educação – SME e situa-se na área gerencial do Distrito IV.

A instituição dispõe de uma ampla estrutura física para o atendimento de alunos. As salas e o ambiente físico são agradáveis e aconchegantes. O espaço físico da escola é considerado muito bom por todos os usuários, o estado de conservação também é muito bom por conta de todo um trabalho de conscientização desenvolvido por gestores, professores e funcionários da escola.

Possui uma sala de atendimento educacional especializado (AEE) com o objetivo de atender às crianças com baixo rendimento de aprendizagem e com algum tipo de deficiência, transtorno ou altas habilidades, propondo intervenções pedagógicas junto a alunos e professores, auxiliando assim, no melhoramento do desempenho destes alunos. Esta sala não funciona no período noturno, mas, segundo a coordenadora, quando há algum aluno da EJA necessitando desse tipo de acompanhamento eles são

atendidos no contra-turno. Hoje são atendidos quatro alunos da EJA, um com autista e outros três que não possuem diagnóstico.

A escola conta também com uma sala de informática climatizada que pode ser utilizada pelos alunos da EJA, quando planejada alguma atividade pela professora, porém no período noturno não há profissionais especializados nesta área. Um dos coordenadores é que se disponibiliza a auxiliar a professora. Há ainda uma biblioteca que possui um vasto acervo, inclusive uma parte dele destinada ao público da EJA.

Na escola tem um pátio; uma cozinha; um refeitório com um tamanho razoável; três banheiros amplos; um depósito para guardar merenda escolar; um almoxarifado; um estacionamento e um jardim na área externa e outro na área interna.

Em todos os espaços da escola há um incentivo ao desenvolvimento de valores morais nos alunos e à sustentabilidade. Percebemos uma preocupação da gestão em tornar os ambientes alfabetizadores com uma diversidade grande de textos espalhados pela escola.

Alguns espaços da escola são utilizados para projetos da comunidade. Acontece semanalmente encontro do AA (Alcoólicos Anônimos) e do NA (Narcóticos Anônimos).

A diretora da escola Professor José Valdivino de Carvalho disse que lá tem um conselho escolar formado por um grupo de representantes de pais, professores, alunos, funcionários e direção, que se reúne para sugerir medidas e soluções ou para tomar decisões. Segundo ela tem dois alunos da EJA III como representante dos alunos.

No que se refere ao Conselho Escolar, sabemos que ele é um órgão de representação da comunidade escolar, que tem como objetivo à construção de uma cultura de participação, logo, sua consolidação implica buscar a articulação efetiva entre os processos pedagógicos, a organização da escola e o financiamento da educação e da própria escola.

A proposta curricular da escola Professor José Valdivino de Carvalho segue as orientações da Secretaria Municipal de Educação, que distribui um documento que apresenta como deve ser realizado o planejamento pedagógico, as formas de avaliação, a carga horária das disciplinas e formas de apoio aos alunos não alfabetizados.

De acordo com a Proposta Pedagógica da instituição, a escola tem como finalidade a formação de cidadãos competentes, conscientes e capazes de construir uma sociedade mais justa fundamentada nos princípios da solidariedade e da fraternidade e

constituem-se como seus objetivos no Ensino Fundamental: o desenvolvimento da capacidade de aprender através do pleno domínio dos processos da leitura, da escrita e do cálculo matemático; a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade contemporânea; o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores; o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca; a compreensão do sentido da vida, ajudando a descobrir quem é e para que existe.

Algumas das atividades e projetos realizados pela escola são: Luz do saber, Projeto paixão de ler e Dia “D” da leitura, entre outros. Na antessala dos professores há um armário com diferentes materiais para uso em atividades pedagógicas como alfabeto móvel, jogos, etc.

São atendidos nas turmas de EJA aproximadamente 150 alunos, todos no período noturno. Esses alunos realizaram uma avaliação antes da matrícula para que fossem alocados nas turmas e para que a escola conseguisse manter todas as turmas, EJA I, II, III, IV e V porque de acordo com as orientações da SME precisa de uma quantidade mínima de alunos para formar uma turma. Para a EJA I é preciso ter 20 alunos. Na II - 25, na III - 30 na IV e na V - 35 alunos. Alguns alunos que antes eram da EJA III tiveram que voltar pra EJA I.

Não foi possível obter dados relacionados ao bairro de origem nem da profissão dos mesmos, pois a escola não os tem. Questionados sobre os alunos da EJA que possuem alguma deficiência fomos informados que apenas dois tem diagnóstico, um com baixa visão e um autista, embora professores e gestores percebem que há alunos que tem algumas especificidades porém não possuem diagnóstico.

Para atender as turmas da EJA a escola conta com oito professores e uma coordenadora pedagógica.

Na turma de EJA I estão matriculados 22 alunos. Alguns frequentam regularmente, mas de acordo com os professores, dificilmente chega a ter 13 alunos num dia. Eles faltam muito. Os alunos são atendidos por um professor “P.R.B”- professor regente B, que leciona às segundas-feiras e uma professora “P.R.A”- professor regente A, que assume de terça a sexta.

Em entrevista com a diretora ela nos apresentou os índices de aprovação e de reprovação dos alunos.

	2014	2015	Metas para 2016
Aprovação	32,8%	47,5%	70%
Reprovação	11,7%	11,7%	6%
Evasão	51,5%	27%	20%

FONTE: Secretaria da Escola Prof. José Valdivino de Carvalho.

Para a diretora, com a possibilidade de matricular alunos a partir de 15 anos na EJA ocorreu uma mudança no público, passando a aumentar a matrícula de alunos com distorção idadeXsérie que possuem dificuldade em aprender na série regular seja essa dificuldade pelo cognitivo seja ela pelo comportamento inadequado para os estudos.

Esses alunos, na maioria adolescentes indisciplinados de acordo com a diretora, acabam dificultando o trabalho em sala de aula dos professores e atrapalhando os alunos adultos que realmente querem aprender. Isso ocasiona a evasão dos adultos.

Ela disse ainda que o trabalho realizado pela nova coordenadora da EJA tem ajudado a melhorar a frequência dos alunos e diminuído as taxas de evasão. Diretora e coordenadora realizam diversas ações para diminuir a indisciplina dos alunos e construir valores morais como respeito pelos professores e pelos colegas.

3.2 Sobre os professores.

Na tarefa de gerir a aprendizagem, a diretora da escola Professor José Valdivino de Carvalho pode contar com uma boa equipe para auxiliar no atendimento de três turnos.

A professora Ciranda possui graduação em pedagogia e pós graduação em gestão escolar. Ela tem 20 anos de docência, 10 deles lecionou em escolas particulares e 16 na rede pública de ensino. Possui experiência de seis anos em EJA (I, II e III) e este é o primeiro ano como professora regente A.

O professor Jose Eneas Cavalcante Neto é o professor regente B, e atua na turma de EJA I da escola sempre as segundas-feiras quando a professora ciranda faz o seu planejamento, o professor é formado em pedagogia, e atua em turmas de EJA a 1 ano e 3 meses, e em turmas de PCA à 1 ano, ele nos relatou que maior obstáculo enfrentado na docência é a assiduidade dos alunos, que por terem uma frequência muito irregular não permite uma melhor continuidade dos conteúdos vistos em sala.

Pudemos perceber que existe uma boa relação entre professor aluno em sala de aula, o que permite um bom desenvolvimento das aulas, enquanto a didática empregada, pudemos observar que os professores se esforçam para trazer aulas bem elaboradas, buscando na maioria das vezes trabalhar os conteúdos de leitura e escrita.

3.3 *Sobre os estudantes da EJA*

Durante as observações e com período que estivemos em sala pudemos notar que vários alunos já demonstravam algum tipo de evolução em relação à leitura e a escrita, isso pôde ser notado durante as leituras realizadas por cada aluno de forma individual durante as atividades em sala de aula, porém ainda existe muito trabalho a ser feito com esses alunos, mas com certeza conseguimos notar que eles estão sendo guiados na direção certa.

Em relação ao comportamento, a turma demonstra que tem interesse em aprender, sempre participando das atividades, não notamos bagunça nem indisciplina, os alunos da EJA I demonstram bastante respeito aos professores e a escola.

Avaliação dos alunos é feita através de relatório semestral, no entanto não conseguimos ter acesso aos últimos resultados, somente aos modelos de avaliação

Na turma de EJA I tem baixa visão e não consegue tirar da lousa.

Realizamos uma breve entrevista com nove dos alunos da EJA I e, a seguir, apresentaremos algumas informações coletadas. Na turma de EJA I tem baixa visão e não consegue tirar da lousa.

Os alunos têm entre 15 e 53 anos (53, 15, 15, 53, 40, 58, 16, 27 e uma aluna não sabe informar sua idade)

A maioria é do sexo feminino. Entre as ocupações: algumas donas de casa, outras domésticas, um entrega água no supermercado, um eletricista e um apenas nos fins de semana trabalha como personagens do trenzinho.

A maioria dos alunos relata estar a mais de três anos na EJA. Dois alunos dizem já ter feito até a EJA V, mas estão na EJA I como reforço pra aprender mais. Apenas uma disse que é a primeira vez que está estudando.

As expectativas são bem pequenas como *“aprender a ler pra quando for pegar um ônibus não perguntar a ninguém”* ou *“aprender a ler pra trabalhar pra mim”*. Entre as maiores expectativas dos alunos estão aprender a ler (6), fazer o nome (2). Até uma que *“sonha em vender lanche pra mim”* citou apenas a leitura como expectativa, desprezando a necessidade de contar para esse tipo de serviço. Apenas um deles citou alguma profissionalização: *“quero terminar os estudos e ser bombeiro”*

Questionados quais os sonhos os alunos citaram: *“meus sonhos foi tudo pra trás”* *“vou pensar, sou novo ainda”* (16 anos); *“Ter casa”*.

3.4 Observações da sala de aula.

Na turma da EJA I tem aproximadamente 22 alunos matriculados, mas em todas as visitas realizadas não passavam de 10 alunos presentes na sala de aula. Geralmente são os mesmos alunos que frequentam regularmente e eles interagem bem uns com os outros.

A sala é bastante ampla, bem arejada e iluminada. Tem uma lousa, um birô, um armário, uma estante com jogos, um expositor com livros de literatura infantil e mesas e cadeiras individuais para os alunos. As cadeiras são organizadas em fileiras e os alunos sentam-se sempre nos mesmos lugares. Eles apresentam-se disciplinados, interessados e realizam as atividades propostas. Essas atividades eram realizadas individualmente e não foi possível observar atividades em grupos ou duplas. Para alguns alunos a professora oferece atividades diversificadas como cópia de palavras. Não vimos produções dos alunos nas paredes da sala.

Apesar de realizarem as atividades sem se negar a fazê-las, os alunos parecem um pouco receosos em arriscar e errar quando solicitados a fazer leitura para o grupo. Por isso tendiam a escolher sempre histórias curtas para ler ou escrever.

A professora interage bem com os alunos. Permite a fala, esclarece dúvidas, promove interação entre eles e incentiva a leitura e escrita sem preocupação com os erros, considerados construtivos nestes momentos. Ela demonstra um preparo para alfabetizar e busca estratégias dinâmicas para atingir seu objetivo. Em uma das atividades ela chamou os alunos individualmente para fazer a leitura de texto, incentivando-os e fazendo as mediações necessárias, demonstrando que procura fazer um acompanhamento individualizado dos alunos.

Já o professor apresenta um perfil mais tradicional e as estratégias utilizadas por ele são mais mecânicas. Ele propõe uma atividade e senta-se no birô esperando os alunos resolverem. O acompanhamento é feito de modo geral e depois faz uma correção coletiva.

Como os alunos estão em fase inicial de alfabetização todas as atividades são voltadas para a leitura e escrita. Não foi possível observar nos dias em que visitamos a sala, atividades de matemática ou outra disciplina, apenas teve aula de Língua Portuguesa.

Diariamente as atividades iniciam de forma bem conservadora com uma oração e depois copiam a agenda feita na lousa pela professora que tem um espaço “*ass. Do responsável*”, o que particularmente me causou estranheza, visto que a maioria são homens e mulheres maduros. Eles demoram bastante tempo para copiar a agenda.

Dentre as atividades observadas podemos citar: Leitura coletiva de texto e de palavras, leitura individual de história em livros, cópia de texto, desenho da história, escrita de palavras, contagem de sílabas e ditado. Cada uma dessas atividades são realizadas num tempo bem longo pois os alunos demoram muito para concluí-las.

Os materiais utilizados são geralmente os próprios cadernos dos alunos e livros de literatura infantil. Observamos que os livros que eles utilizam para ler são histórias para crianças. O professor utiliza textos infantis para alfabetização em EJA. Um deles foi “*Maneco, o cavalinho*”.

O CAVALINHO MANECO É UM CAVALO DE RAÇA. ELE MORA NA FAZENDA ÁGUAS CLARAS. MANECO COME CAPIM E MILHO. ELE É MUITO BEM TREINADO. SEU TREINADOR SE CHAMA MARCELO. MANECO SALTA BEM ALTO. ELE PARTICIPA DE CORRIDAS. MANECO JÁ GANHOU VÁRIAS MEDALHAS DE OURO!

A classe de Educação de Jovens e Adultos tem que ser respeitada, honrada por ter principalmente em seu corpo pessoas idosas, trabalhadores desfavorecidos em outrora por algum motivo social, familiar ou financeiro que desestruturou o caminhar na escola desses cidadãos, essa defasagem precisa ser corrigida, amenizada, reestruturada de alguma forma ou maneira, no entanto não dá mais para ensinar nessa modalidade que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho (FREIRE, 1991, P 18).

A infantilização do ensino na EJA não é raro de se ver em muitas escolas, a cultura que podemos presenciar na prática docente de que o ensino precisa ser facilitado para estes alunos muitas vezes gera uma confusão e ele acaba por muitas vezes sendo “infantilizado” isto se reflete também muitas vezes em materiais didáticos usados pelos professores e oferecidos pela a escola. A falta de significação dos conteúdos ensinados na EJA muitas vezes gera desinteresse nos alunos que por sua vez perdem o interesse no aprendizado, sendo assim é necessária uma mudança urgente das práticas docentes, e uma melhor capacitação dos profissionais que vão atender esse público tão singular.

Embora os estudos de Emília Ferreiro e sua equipe mostrarem que há semelhanças entre o pensamento do adulto e da criança não alfabetizados do ponto de vista cognitivo, as solicitações da cultura escrita de ambos são bem diversas, exigindo para os adultos outros enfoques. Portanto o repertório de material para o aprendizado da leitura e escrita devem ter repertórios próprios para uso de seus aprendizes e deve partir de uma concepção de ensino que conceba o aprendiz como um sujeito pensante que vai em busca de significados, elabora suas hipóteses num processo contínuo.

Apesar de demonstrar preocupação de tornar a aprendizagem dos seus alunos mais atraente e significativa, notamos que nenhum dos professores realizou atividades que levassem os alunos a refletir sobre as propriedades do Sistema de escrita Alfabética, de desenvolver reflexão fonológica ou consciência metalinguística. Observamos que o texto ocupava um lugar deslocado, sendo, geralmente, utilizado como pretexto para o ensino de outras aprendizagens. Não havia uma preocupação com o sentido e com a compreensão do mesmo.

A ênfase das atividades para alfabetização dos alunos da EJA I estava nos aspectos de memorização, e discriminação viso-motora dos caracteres, implicitamente pautadas em concepções de codificação/decodificação realizadas de forma mecânica, centrada nos aspectos mnemônicos e grafofônicos. Ao conceberem a aprendizagem do

Sistema de Escrita como um código de transcrição fonográfico, os docentes apresentaram dificuldades em desenvolverem um processo de alfabetização numa perspectiva de letramento.

O conteúdo básico para a alfabetização na perspectiva do letramento deve ser o texto, seus diferentes tipos e usos sociais. Conforme Magda Soares, é necessário ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde leitura e escrita faça sentido para o aluno.

Outro ponto observado diz respeito ao planejamento das atividades. Os professores tem um dia para planejar as atividades da semana. A professora regente A (PRA) recebe mensalmente formação continuada em EJA. Quanto à avaliação, nesta turma especificamente, é feito um relatório no final de cada semestre.

3.5 Reflexões teóricas sobre letramento e alfabetização.

Em todo o mundo é possível acompanharmos uma crescente preocupação com os índices de analfabetismo, ate mesmo nos países de primeiro mundo onde a educação básica é realmente obrigatória como: Estados unidos, França e Inglaterra, observam-se uma constante preocupação em relação a esses índices, no entanto para entendermos melhor esses dados é necessária uma observação mais atenta. Como países de primeiro mundo podem ter este tipo de preocupação? Na verdade, a imprensa nacional ao divulgar estes dados faz uma tradução da noticia original, nesse caso a palavra traduzida seria a palavra *illiteracy*, por analfabetismo na verdade estes países possuem índices de analfabetismo quase zero, então com o que realmente eles estão preocupados? Em 1980 os Estados Unidos realizaram uma pesquisa para identificar o nível de “*literacy*” ou Letramento de alunos jovens e adultos americanos, o teste incluía questões para avaliar a capacidade dos alunos em interpretar e usar informações de variados tipos textos como: editorial de jornais, noticias, poemas além de questões para avaliar a habilidade de extrair informações de quadro de horários, mapas e tabelas, neste caso obviamente não se estava avaliando o nível de alfabetização dos alunos, mas sim a funcionalidade que os alunos eram capazes de dar a sua habilidade de ler e escrever.

O termo letramento é recente no Brasil, por isso a dificuldade encontrada em se diferenciar o individuo meramente alfabetizado do letrado, pois *letramento* envolve dois fenômenos bem diferentes a leitura e escrita ambos bastante complexos, porque

constituem uma multiplicidade de habilidades, comportamentos e conhecimentos. Desta forma podemos concluir segundo Soares que ler é um conjunto de habilidades e comportamentos que se estendem desde simplesmente decodificar sílabas ou palavras até ler Guimarães Rosa e o seu *Grande Sertão Veredas*, assim uma pessoa pode ser capaz de ler um bilhete, uma notícia de jornal, mas ser incapaz de ler um romance, o mesmo processo é compreendido com a escrita onde o indivíduo pode ser capaz de somente escrever algo simples até uma argumentação defendendo um ponto de vista. Desta forma podemos considerar que existem diferentes tipos de letramento, isso vai variar de acordo com as necessidades e demanda de cada indivíduo de acordo com meio em que vive além de suas vivências socioculturais.

Durante o período que estivemos em sala observando, pudemos analisar como os professores faziam a regência de suas aulas, além de algumas vezes acompanhar durante a formação do plano de aula de cada um. Com isso observamos o qual importante é a prática para um professor da modalidade de EJA, pois diante da indefinição de conteúdos e das precariedades das situações formativas que, nos currículos de formação, não preparam os professores para atuar nessa modalidade de ensino.

Assim a prática acaba se tornando uma obsessão para o professor que está iniciando a carreira, pois a prática traz a experiência e diante da pluralidade de uma sala de EJA ela se faz extremamente importante. Com isto o professor passa a refletir sobre as formas de abordagem de cada conteúdo que deve ser ministrado, adequando sua aula as necessidades dos alunos levando em consideração suas vivências, e dando um maior sentido a aprendizagem. Neste contexto a formação continuada se faz importante, pois através dela o professor tem a oportunidade de trabalhar a formação dos saberes disciplinares, curriculares, e experienciais.

4. PERCEPÇÕES SOBRE A DOCÊNCIA.

A culminância do estágio foi a fase de regência a qual foi possível colocar em prática realmente nossos conhecimentos, e desenvolvemos as atividades buscando um avanço no aprendizado recíproco de idéias e saberes diferente. Já estava ansioso por isso, e a expectativa era grande, pois nunca tinha me deparado com um desafio de

ensinar em uma classe de jovens e adultos. O frio na barriga era inevitável, mas a vontade de fazer o melhor era maior que tudo isso, foram três aulas ministradas por mim.

O tema “Festas Juninas” foi um alicerce de grande valia dentro das atividades que foi desenvolvida nas semanas de regência, pois além de tornar o trabalho de alfabetização significativo para os alunos, o letramento veio em parceria dando significado a todas as ações desenvolvidas durante este período. O tema das aulas foi pensado juntamente com os professores regentes e com a professora Ercília, orientadora do estágio.

Para cada aula planejamos atividades que fosse próximo da realidade do estudante da EJA, buscando aproximar às vivências do dia-a-dia deles para que os mesmos tivessem um maior interesse e aproveitamento.

Paulo Freire destaca que atividade de leitura/escrita deve ter como base a leitura de mundo feita pelo educando e não a transmissão de conhecimentos. Portanto é necessário que está atividade de leitura escrita seja dinâmica e realizada com a integração do sujeito no seu mundo social. Ele atribui à alfabetização a capacidade de levar o analfabeto a organizar reflexivamente seu pensamento, desenvolver a consciência crítica, introduzi-lo num processo real de democratização da cultura e da libertação (Freire, 2000, pág. 09).

O 1º DIA DE REGÊNCIA

No dia 08 / 06 / 2016, aconteceu a minha primeira intervenção, optamos por trabalhar com a temática voltada as festas juninas, a ideia inicial seria trabalhar com uma musica, então ao pensar um pouco decidi pela musica “Olha pro céu” de Luiz Gonzaga, com o objetivo principal de trabalhar a consciência fonológica dos alunos por meio da musica, além de trabalharmos temas específicos como: a identificação de rimas na musica e através de um jogo didático, e realizar a leitura da letra musica buscando extrair a percepção silábica nas palavras.

Iniciamos a aula tocando a musica de Gonzaga, mais uma vez os alunos se mostraram bastante interessados, ao tocarmos pela segunda vez a musica, os alunos já começaram a cantar juntos, a partir dali percebi que a aula iria fluir muito bem, e foi o que aconteceu após tocarmos pela terceira vez a musica, iniciamos uma breve conversa

sobre rimas a partir do momento em que limamos coletivamente a letra da musica que já estava bem gravada pelos alunos.

Foi então que demos inicio a primeira atividade que consistia em, um jogo de rimas, os alunos foram divididos em três grupos de quatro pessoas onde cada grupo recebeu um tabuleiro com figuras, e mais cinco peças com outras figuras cujos nomes rimavam com as figuras do tabuleiro, depois os grupos tinha que trocar as peças ate que todos os grupos encontrassem todas as rimas, durante o decorrer da atividade tivemos a oportunidade de andar pelos grupos tirando as duvidas dos alunos que mostraram bastante curiosos com o conteúdo.

A segunda atividade estava relacionada com a letra da musica, levamos uma atividade impressa com a letra musica onde os alunos tinham que completar a letra com as palavras corretas.

“Olha pro céu”

(Luiz Gonzaga 1951)

Olha pro céu, meu amor
Vê como ele está _____
Olha pra quele balão multicolor
Como no céu vai _____

Foi numa noite igual a esta
Que tu me deste o teu _____
O céu estava, assim em festa
Pois era noite de _____
Havia balões no ar
Xóte, baião no _____
E no terreiro

O teu olhar, que _____
Meu coração.

Olha pro _____, meu amor
Vê _____ ele está lindo
Olha praquele _____ multicolor
_____ no céu vai sumindo.

Durante a execução da atividade poucos alunos demonstraram dificuldades em realizar a tarefa, observamos que a maioria dos alunos teve um bom desempenho em relação à leitura e escrita. Durante a execução da atividade aproveitamos para fazer perguntas sobre as sílabas já preparando os alunos para próxima atividade que seria sobre a formação silábica das palavras.

Nome: _____

1) JUNTE AS SILABAS E FORME AS PALAVRAS.

LIN – DO _____
MUL – TI – COR _____
CO – RA – ÇÃO _____
BA – LÕES _____
ES – TA – VA _____
TER – REI – RO _____

2) AGORA SEPARE AS SILABAS DAS PALAVRAS ABAIXO E COLOQUE AO LADO A QUANTIDADE DE SILABAS QUE CADA PALAVRA POSSUI.

COMO _____ - _____

BALÃO _____ - _____

NOITE _____ - _____

XÓTE _____ - _____

FESTA _____ - _____

SUMINDO _____ - _____ - _____

MULTICOR _____ - _____ - _____

No início da atividade os alunos demonstraram certa dificuldade, no entanto com o desenrolar da tarefa fomos tirando as dúvidas que existiam em relação ao conteúdo, dessa forma todos os alunos conseguiram terminar bem a atividade proposta e após o término de suas produções chamamos cada aluno para que cada um escrevesse no quadro uma palavra da atividade separando e juntando as sílabas e fazendo a leitura da palavra que escreveu. Observamos que os alunos são muito participativos e respondem muito bem a estímulos, e concluímos que conseguimos concluir com êxito os objetivos propostos no plano de aula.

A 2ª REGÊNCIA.

A segunda regência ocorreu no dia 15 / 06 / 2016 durante a aula da professora Ciranda. Procuramos permanecer com a temática sobre os festejos juninos, durante o planejamento desta regência a idéia inicial seria trabalhar as memórias dos alunos em relação aos festejos juninos, explorar elementos os quais poderíamos formar um texto utilizando essas memórias, explorando características semelhantes entre as vivências dos alunos em suas cidades de origem durante o a época de sua mocidade, e buscar diferenças entre os costumes de sua época e as atuais festas juninas. O objetivo principal seria trabalhar a oralidade por meio da contação de suas vivências e memórias de São João, e de forma específica trabalhar elementos para formação de texto, leitura e escrita.

Durante o planejamento da regência imaginei que alunos iriam precisar de algum estímulo para aflorar a nossa conversa, então decidi iniciar a aula com a leitura de poemas voltados para o tema junino.

O Cordel Mágico

Hoje no meu sertão
é dia de São João
mas no meu quarto de castigo
vejo na capa de um livro um menino

santa curiosidade que me faz abrir
para algo descobrir
não era um livro comum
era um cordel amassado
cujo o nome era:
contos do cordel encantado

Nome não muito criativo
pois como da novela parecia
mas algo novo eu sentia
era como nascer de um dia

Cordel de São João

São João do meu
nordeste
Forró, xote, xaxado e
baião
Tem fogueira, tem milho

assado
Com fogos bandeirolas e
balão
Na capital tem nos clubes
Interior tem palhoção
Tem canjica tem
pamonha
Milho cozido e assado
Os casais da capital
Roda a dama e põe ao
lado
No interior é diferente
O casal dança colado.

A aula foi bastante dinâmica. Como a proposta era que relatassem suas memórias das festas de São João, colocamos as carteiras em semicírculo para eles tivessem um melhor contato visual entre si, e escutassem os relatos uns dos outros. Sempre tímidos no começo, mas construindo a atividade proposta foram colocando aos poucos as lembranças muitas vezes esquecidas ou adormecidas.

Depois lemos alguns poemas de São João e incentivamos a leitura de cordéis. Após a leitura incentivamos os alunos que socializassem o que leram, e para os alunos que não conseguiram ler foi pedido que fossem analisadas as capas dos cordéis e a partir dos desenhos das capas os alunos imaginassem do que cada história falava, já preparando os alunos para próxima atividade.

Como tínhamos previsto durante o planejamento da regência, tivemos a contribuição dos alunos nos relatos de suas memórias porém infelizmente, não foi suficiente para a formação de um texto de memórias, foi então que entrou em ação o plano B. Levei imagens de desenhos de cordéis para que os alunos visualizassem e dissessem o que estava se passando em cada cena exposta nas figuras, as frases ditas pelos alunos eram escritas no quadro, em algumas ocasiões houve divergência de opinião entre os alunos, no entanto após uma breve mediação se chegava sempre a um

acordo sobre o prosseguimento da história, que a cada cena gerava suspense entre os alunos sobre qual seria o enredo da próxima cena.

No final conseguimos produzir um texto completo sobre um reino no sertão, a história foi batizada pelos alunos com o título de “Os grandes Irmãos”.

Os Grandes Irmãos.

Numa época muito distante, existia um castelo e nele morava a família real: O rei, a rainha, e a princesa. Um certo dia dois reis brigaram pelo coração da princesa. Passaram-se uns anos e a princesa engravidou e teve um belo menino. Alguns anos depois a princesa engravidou de gêmeos.

Então o rei descobriu que uma das crianças não era o seu filho e, preocupada, a princesa entregou a criança a um casal. Um tempo depois os irmãos se encontraram: a menina se tornou uma princesa e o menino um vaqueiro. Os pais do menino resolveram contar a verdade para os pais da princesa, e os irmãos se tornaram grandes amigos.

Autor: Turma EJA I



O objetivo desta atividade foi alcançado, pois todos participaram ao verem a valorização do que cada um dizia.

A 3ª REGÊNCIA

A terceira regência foi planejada para ser uma continuação da segunda, pois decidimos trabalhar com texto construído pelos alunos com o objetivo deixá-los familiarizados com a produção, a aula teve início com um ditado onde os alunos teriam achar no texto as palavras: **Época – distante – castelo – família – princesa – coração – menino – gêmeos – descobriu – rei – crianças – filho – casal – tempo – irmãos – vaqueiro – contar – verdade – amigos – verdade.** Para isto escrevemos novamente o texto no quadro e cada aluno recebeu um texto impresso. No início os alunos tiveram dificuldade, porém com o decorrer da atividade e com as intervenções necessárias todos conseguiram concluir a atividade, no final dessa primeira etapa foi sugerido que os alunos encontrassem as palavras no texto escrito no quadro, como em todas as aulas os alunos se mostraram bastante participativos e interessados na atividade.

Na segunda etapa da atividade escrevemos todas as palavras do ditado no quadro e sugerimos que os alunos escolhessem uma e formassem uma frase utilizando esta palavra, vimos uma maior dificuldade dos alunos durante a execução desta tarefa, pois muito ainda se encontram em um nível silábico apenas, com tudo após as intervenções necessárias, boa parte dos alunos conseguiu concluir a atividade e foram convidados a escrever suas produções no quadro, mesmo os alunos que demonstraram maior dificuldade participaram e expuseram suas produções para a sala. Mais uma vez concluímos que o nosso objetivo nesta aula foi alcançado, pois, os conseguiram compreender a estrutura que forma uma frase e conseqüentemente um texto como o que foi produzido por eles, e analisando esta estrutura conseguiram dar sentido a sua produção.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O presente trabalho buscou abordar o fenômeno conhecido como Juvenilização da EJA, que consiste em um grande aumento do número jovens de uma faixa etária baixa ou muito baixa que saem do ensino regular ou retomam seus estudos nas salas de educação de jovens e adultos. A partir de um referencial teórico e tomando como base as experiências vividas em minha inserção em uma turma de EJA I durante o período em que fui aluno da disciplina de estágio em Educação de jovens e adultos (EJA), pela Universidade Federal do Ceará. Procuramos mostrar as características, bem como as repercussões que este fenômeno vem causando nas salas de aula e em relação aos processos de ensino/aprendizagem.

Durante o período das visitas à escola Prof. José Valdivino de Carvalho pude conhecer de perto a realidade dos jovens alunos que frequentam as aulas noturnas. Durante as visitas conversei com vários alunos de idades diferentes na tentativa de conseguir o máximo de informação sobre as suas histórias e experiências, para que pudessemos planejar nossas intervenções levando em consideração as histórias de vida de cada um dos alunos.

Em nossa sala haviam 22 alunos matriculados, no entanto, em todas as visitas, a sala não passava de 13 alunos, e geralmente eram sempre os mesmos, com isto conseguimos fazer um levantamento de algumas características desses alunos. Eles tinham entre 15 e 53 anos, entre os nove alunos que consegui fazer um levantamento das idades dois alunos tinham 15 anos, um de 16 anos, uma aluna com 27 anos, uma de 40 anos, duas com 53 anos, e uma aluna não soube informar a idade. Apesar de estes serem os alunos mais assíduos, não consegui identificar neles grandes expectativas em relação aos estudos.

O fato número cada vez maior de jovens matriculados nas turmas de EJA nos últimos anos, é algo que vêm chamando a atenção dos educadores, ao mesmo tempo vem gerando preocupação, pois, estabelece um novo tipo de relação entre a escola para com estas turmas, que muitas vezes tem um número alto de alunos jovens matriculados. Desta forma é necessário que a escola procure fazer com que este aluno se sinta acolhido de forma que ele consiga vislumbrar um futuro melhor com a possibilidade do aprendizado, para isto é necessário que a escola ofereça-lhe ferramentas através de um

currículo que contemple suas peculiaridades. Pois o aluno que esta na EJA muitas vezes chega à escola após um dia de trabalho duro, por tanto chagam cansados a aula, dessa forma, ter conteúdos que façam sentido em suas vidas e que desperte o interesse desses alunos é imprescindível para o sucesso da modalidade.

Nos depoimentos dos alunos, conseguimos perceber que relatos de exclusão do ensino regular diurno eram uma constante, e que suas trajetórias envolviam além de constantes reprovações, historias de evasão e abandono pelos mais variados motivos. No entanto boa parte desses jovens tenta conciliar o estudo com outras atividades que desempenham durante o dia, isto faz com que esses alunos cheguem exaustos em sala de aula.

Conseguimos constatar é que existe tanto uma dificuldade de acesso quanto de permanencia do jovem na escola, e podemos atribuir isto a realidade enfrentada por eles nas instituições de ensino, que se orientam predominantemente a oferta de conteúdos curriculares formais, considerados pouco interessante pelos os jovens, assim podemos dizer que as escolas se apresentam como instituições pouco atrativas, pois, não estão abertas o suficiente para a criação de espaços e situações de permitam este jovem viver experiências de sociabilidade, solidariedade, debates públicos e atividades culturais que promovam uma formação integral de forma que atenda as demandas curriculares ou extra escolar.

Na turma em que atuei estavam matriculados 22 alunos, segundo os professores, alguns deles frequentam regularmente as aulas, no entanto dificilmente uma aula chaga a ter mais de 13 alunos em um dia normal. *“eles faltam muito”*, afirma a professora. Segundo a diretora o índices de reprovação em evasão as turmas de noturnas vêm diminuindo progressivamente com o passar os anos, ela afirma que em 2014 e 2015 os índices de reprovação estacionaram em 11,7% , em relação a evasão houve uma boa redução onde tínhamos um percentual de 51,5% em 2014 e reduzimos para 27% em 2015, sendo que para 2016 as metas são de reduzir a reprovação pra 6% e os índices de evasão para no mínimo 20%. Ela afirma que o trabalho em conjunto entre direção e coordenação que realizam diversas ações para diminuir a indisciplina dos alunos e construir valores morais como respeito pelos professores e pelos colegas vem surtindo efeito e mudando o comportamento dos jovens.

De acordo com o que até aqui foi apresentado podemos apontar dois fatores preponderantes para o fenômeno do rejuvenescimento da população da EJA, o primeiro seria o fator **legal**; que nasce com a Lei nº 9.394/96 que reduz para 15 e 18 anos a idade mínima para que os jovens prestem exames para a conclusão do ensino fundamental e médio, respectivamente, junto à secretaria de educação de seu estado; e o que podemos chamar de fator social e pedagógico, que ocorre diretamente nas instituições de ensino decorrente dos processos migratórios de alunos que saem diretamente do ensino regular para as turmas de EJA, muito em razão da distorção idade/serie destes alunos.

Durante as observações e com período que estive em sala pudemos evidenciar que vários alunos jovens já demonstravam algum tipo de evolução em relação à leitura e a escrita, isso pôde ser notado durante as leituras realizadas por cada aluno de forma individual durante as atividades em sala de aula, o interesse pelas atividades e a vontade de aprender eram muitas vezes notórias. Segundo relatado por um dos alunos adolescente; “estar perto de pessoas mais velhas ajuda pois, se alguém tenta bagunçar logo tem um colega que o repreende”, porém ainda existe muito trabalho a ser feito com esses alunos, mas com certeza conseguimos notar que eles estão sendo guiados na direção certa. Em relação ao comportamento, a turma demonstra que tem interesse em aprender, sempre participando das atividades, não notamos bagunça nem indisciplina, os alunos da EJA I demonstram bastante respeito aos professores e a escola. Eles apresentam-se disciplinados, interessados e realizam as atividades propostas. Como os alunos estão em fase inicial de alfabetização todas as atividades são voltadas para a leitura e escrita. Não foi possível observar nos dias em que visitei a sala, atividades de matemática ou outra disciplina, apenas teve aula de Língua Portuguesa.

Notamos desde o primeiro dia de observação que os estudantes nunca estavam presentes todos os dias e isso dificulta o processo de aprendizagem, pois o aprendizado depende muito da presença e participação de todos. Apesar de os estudantes terem vontade de estudar, a rotina dos trabalhos profissionais age de contra peso nesse processo de construção de conhecimentos sendo um dos principais problemas a serem resolvidos pelas Secretarias de Educação. Consegui perceber também a importância de um trabalho com projeto, no entanto esse projeto deve ser significativo, onde possa perceber que ele está para essa classe, desfavorecida historicamente, e que precisa ter suas estruturas

restabelecidas com dignidade e respeito. Não cabe mais, olharmos para uma modalidade de ensino pensando em ensinar a silabar palavras soltas, onde não atribuía valor social, cultural.

A pratica docente é indispensável para a formação do educador, sendo assim vivenciar a pratica em sala de aula nos faz enxergar os desafios da profissão de professor bem como todas as individualidades encontradas em uma sala de aula, o pensar da pratica docente se torna então uma obsessão do educador, pois é esta experiência que vai lidar bagagem para superar os desafios diários. Uma prática e práxis envolvente têm que acontecer, o letramento é fundamental, a alfabetização matemática tem que ser inserida no cotidiano escolar como ela está no dia-a-dia envolvida no âmbito familiar dos estudantes. Para tanto é fundamental que os professores sejam capacitados nessa modalidade de ensino, conhecer o histórico da (EJA) e perceber como é fundamental o trabalho com essa modalidade. O professor regente da turma tem que esta sempre com essa pergunta na cabeça: Quem são os estudantes da (EJA)? O que eles querem e precisam aprender? Partindo desse ponto, desenvolver atividades consistentes a sanar este déficit, partindo de textos com expressões cotidianas.

Com este trabalho conseguimos evidenciar o fenômeno que esta sendo chamado “juvenilização da EJA”, verificando sobre o olhar da pratica da docência em uma turma de EJA I, seus aspectos e peculiaridades, desvendando assim como este fenômeno se desenha na pratica, verificamos que houve um crescimento do interesse, e uma ligeira melhora no aprendizado dos alunos jovens em relação a sua primeira experiência escolar no ensino regular. Em conversa com alguns alunos, consegui ouvir que para eles existe sim, uma melhora no interesse pela aprendizagem, segundo eles isto se dá porque “não tem más companhias em sala”, estar perto de pessoas mais velhas faz com que os mais jovens fiquem inibidos a bagunçar, “quando um aluno mais novo vai querer bagunçar os mais velhos logo chamam a atenção dele”, afirmou um dos alunos. Através do referencial bibliográfico aqui apresentado e através das observações e entrevistas realizadas conseguimos verificar os motivos que levam os jovens da educação regular as salas de EJA. Além de observarmos as dificuldades que esses alunos enfrentam para o acesso e permanência na escola.

Considera-se por fim que, a experiência no estagio me fez perceber o quão é delicado tratar com um publico, que estar retornando a escola de uma forma completamente diferente a habitual, são jovens com histórico de repetência e

indisciplina, pessoas que abandonaram os estudos para poder trabalhar, alunos que tiveram experiências até mesmo traumáticas em relação à escola, mas que estão buscando retomar o caminho da educação, com intuito de melhorar de vida, então compreender esta singularidade da EJA, é imprescindível para que haja sucesso no processo de ensino e aprendizagem.

Para isto é necessário além de uma formação continuada que dê ao professor o embasamento teórico necessário para sua prática docente é importante que o educador esteja atento e sensível às histórias de vida de seus alunos (suas vivências, traumas e expectativas), pois isto deve fazer toda a diferença em sua atuação em sala. Durante muito tempo a EJA esteve configurada somente como educação de adultos, com o principal intuito de alfabetizar, no entanto novas demandas surgiram, e isto fez surgir um novo público. Com o rejuvenescimento da população da EJA surgem novos desafios, e para superá-los a EJA deve alargar seu campo de prática e de análise, levando em consideração os novos perfis e circunstâncias históricas dos alunos jovens e adolescentes que agora frequentam a modalidade. As experiências com programas como o MOBRAL e o ensino supletivo fez crescer no inconsciente cultural de nossa sociedade uma ideia de que o aluno que frequenta a EJA precisa de um curso rápido, algo do qual ele não seja tão cobrado, no entanto é preciso entender as faixas etárias que formam a sala de aula, as suas necessidades, suas potencialidades, as expectativas em relação à vida, pois diante de um universo de singularidades tão diverso é necessário que cada saber trago pelo aluno em suas histórias deva ser levado em consideração para uma abordagem mais assertiva em relação aos processos de ensino/aprendizagem, com isto motivar este aluno a permanecer na escola, fazendo-lhe entender a real importância da educação para o seu desenvolvimento, e a partir daí fazer com que este jovem possa vir a ser autor de seu próprio destino.

6. REFERÊNCIAS.

BRASIL. MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos.** Disponível em:

<https://www.google.com.br/search?q=PARECER+CNE%2FCEB+n%C2%BA.11%2F2000&oq=PARECER+CNE%2FCEB+n%C2%BA.11%2F2000&aqs=chrome..69i57.1310j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** – 39 ed. São Paulo: Cortez, 2000, 96p.

JIMENEZ, Susana. **A educação e a relação teoria-prática: considerações a partir da centralidade do trabalho.** In: JIMENEZ, Susana & FURTADO, Elizabeth (orgs). Trabalho e educação: uma intervenção crítica no campo da formação docente. Fortaleza: EDUCERE & Edições Demócrito Rocha. 2001

LUCENA, Maria Socorro. **Estágio e aprendizagem da profissão docente.** Fortaleza, 2012

PORCARO, Rosa Cristina. **A História da Educação de Jovens e Adultos no Brasil.** Universidade Federal de Viçosa, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros.** 4 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CORDIÉ, A. **Os atrasados não existem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=130506&pid=S1809-5267200700020001200005&lng=pt

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão.** *Sociologias*, Dez 2002, no.8. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222002000200016&lng=en&nrm=iso

HADDAD, Sergio e DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de jovens e adultos.**

Rev. Bras. Educ. [online]. 2000. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07>

MACHADO, Maria Margarida. *Formação de professores para EJA.* Uma perspectiva de mudança. dez. 2008. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>>.

AQUINO, Julio Groppa. **Erro e Fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas.**

Summus, 1997.

MEC, Inep. **Notas estatísticas: Censo escolar 2018.** Brasília 2019. Disponível em: httpdownload.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas2018/notas_estatisticas_censo_escolar_2018.pdf.